

— Literatura

Tempo no.359 (21 de Agosto de 1977)

A Literatura mereceu também na Reunião Nacional de Cultura uma palestra e um debate sobre o assunto.

Também esta palestra não foi ao que pensamos a palestra ideal para gerar debate, uma reflexão conjunta mais ou menos aprofundada sobre o assunto. Dela publicamos a seguir grande parte.

Da sua leitura é fácil compreender o que pretendemos dizer

TEMPO N.º 359 — pág. 38

quando dizemos que não pre-dispunha ao debate. De um modo geral a abordagem do assunto é vaga e dispersa. Quando o autor pretende apresentar um problema de fundo — a questão de «Literatura de Partido» — não só não o aprofunda suficientemente (como foi fácil perceber no debate o assunto era novo para a grande maioria dos participantes) como, como se costuma dizer, «lança a confusão».

A determinada altura, quando se propõe explicar que devia se fazer Literatura de Partido, o autor diz que os criadores literários se deveriam «recusar a fazer aquilo que não querem apesar da inspiração, aquilo que não corresponda aos princípios ideológicos porque sempre temos lutado» e que a questão é apelarmos para o nosso «poder selectivo».

"Chigado, Presidente"

Sauona
Orgulhosos estamos
Por seres vosso guia
Porque
Para além
Do teu lúcido olhar
Da tua razão justa
E acção correcta
Para além
Das tuas mãos trabalhadoras
E corpo experimentado
Na dura luta colonial
És acima de tudo
HUMANO
Lavrada, Presidente!

"Homenagem ao Trabalhador"

Tuas mãos trabalhador
São preciosas
Calejadas e duras
De tanto evar
Habilidosas e ágeis
Como o mais preciso aparelho
Que tu pediste muitas
Fontes
Como o aço da tua anua
Estudiosas e ávidas de conhecimento
Na busca da ciência e da técnica
Nas tuas mãos trabalhador
Hãos que sabem trabalhar
Que aprendem a trabalhar
Trabalhando
Está a construção da nova sociedade
Em que o herói
És tu mesmo
— TRABALHADOR

A poesia é uma forma de literatura mais usada e que recebe normalmente as outras formas.

Parece-nos que a solução não é essa. E parece-nos que a questão está onde ir buscar a inspiração. Se formos trabalhadores engajados no processo produtivo e na Revolução está largamente garantida a fonte de inspiração. Se formos intelectuais revolucionários é mergulhando no seio desses outros trabalhadores que iremos encontrar a única fonte de inspiração.

Se formos intelectuais de origem burguesa que apesar de «cheios-de-boavontade» continuarmos a procurar inspiração nos nossos gabinetes ou nas nossas cabeças traumatizadas e cheias de quistos, não há auto-censura capaz de nos fazer servir as classes trabalhadoras e a Revolução. (Nós jornalistas sentimos muito agudamente esse problema).

O documento de síntese das ideias saídas do debate que se seguiu à palestra sobre Literatura também não foi aprovado na sessão de encerramento. Dele extraímos no entanto alguns pontos que correspondem ao que se concluiu. São os seguintes:

«Na literatura Moçambicana as diversas fases da nossa História já se reflectem, principalmente, na nossa poesia.

Assim, antes da luta armada, havia autores, que através da denúncia da exploração foram-se revoltando contra a opressão colonial-fascista existente no país.

Durante a luta armada, nas zonas ocupadas, esta revolta manifestava-se através da literatura clandestina, enquanto que nas zonas libertadas floresce uma literatura de carácter novo. Esta literatura passou, inicialmente, por uma fase de nacionalismo, posto que correspondia a uma necessidade de revolta contra o colonialismo e a uma mobilização para a luta.

Depois, quando a luta pela Independência se transformou numa luta revolucionária, imediatamente este avanço qualitativo do processo se reflectiu na literatura.

Após a independência, todo o povo escreve. Difunde-se a experiência das zonas libertadas, criam-se novas experiências.

Actualmente a nossa poesia é fundamentalmente uma poesia de mobilização — reflecte todas as transformações que estamos a sofrer e para as quais nos estamos a mobilizar.

A forma literária que agora tem sofrido um grande impulso é a poesia; a poesia tem sido, por norma, o género literário que antecede os outros.

É preciso acompanhar todo este surto cultural que está a florescer, também através da literatura.

A nossa experiência da luta armada está-se a perder.

É necessário, pois proceder-se a uma recolha sistemática da nossa experiência de luta com as populações de Cabo Delgado e Nias

sa e com as Forças Populares de Libertação de Moçambique que viveram essa experiência.

É importante também, fazer-se uma recolha da literatura de denúncia da época colonial espalhada pelas diversas publicações da época.

É urgente a criação de revistas literárias, quer a nível nacional quer a nível provincial que incentive e dinamize o entusiasmo criador que existe.

Será através destas revistas literárias que se poderão promover concursos literários e trocas de experiências.

„A Rádio tem um papel a desempenhar nessa criação literária. Através de sessões literárias poderão ser divulgadas poesias, contos de modo a suscitar o desejo de escrever.

Apelamos para um grande esforço para incentivar as populações para escreverem noutros géneros literários.

O nosso povo é um arsenal de contos. É portanto, fácil incentivar a sua produção. Que as pessoas ganhem capacidade de escrever o conto tradicional ou com formas novas.

Devemos incentivar a população para escreverem sobre as suas experiências de organização nas Aldeias Comunitárias, nos conselhos de produção. Só depois de as pessoas se habituarem a escrever é que as poderemos encorajar para

entram no Mundo da Ficção.

Seria importante a feitura e tradução de bandas desenhadas tendo como objectivo a divulgação de factos históricos e como forma de aumentar a consciencialização política do nosso Povo. Por exemplo: podemos tentar visualizar em banda desenhada, o documento do Conselho de Ministros: «Como Age o Inimigo» (fim de transcrição).

Debatida a poesia que está sendo feita pelo povo e divulgada pelos órgãos de informação surgiu na discussão uma visão de que

os poemas publicados não eram poesia porque não tinham métrica, rima, etc. Essa visão foi rejeitada categoricamente. O consenso foi de que, com um conteúdo correcto, reflectindo o esforço dos trabalhadores no processo de edificação da base material e ideológica do socialismo, reflectindo o internacionalismo proletário assumido pelas largas massas, embora ainda não tivesse uma forma acabada, essa é a nossa Poesia. Para o melhoramento do conteúdo e da forma (que poderá até vir a ser diferente das já existentes

e convencionadas como correctas) foi aconselhada a incentivo da crítica literária, como acção educativa (e não repressiva). (A situação actual foi comparada à da formação da FRELIMO, e já descrita em relação às danças).

Foi ainda aconselhada a recolha do rico cancionero que o nosso Povo já tem sobre a luta do Povo do Zimbabwe, sob o risco de se perder quando, uma vez expulsos os colonialistas do Zimbabwe, transferirmos a nossa mobilização para o apoio de outros povos ainda oprimidos.

PALESTRA SOBRE LITERATURA (EXTRACTOS)

A palavra escrita ou impressa está na raiz da maior parte da História da Humanidade visto que foi, e ainda é, através de textos que se transmitem continuamente de geração em geração, os conhecimentos que o Homem pouco, a pouco, à custa de enormes e inumeráveis sacrifícios foi conquistando. Por esta razão, muitos investigadores reconhecem que o «estudo da Literatura tornou-se não apenas ligado à História da civilização mas verdadeiramente identificado com ela».

Hoje podemos falar da palavra radiodifundida, televisionada, cinegrafada, etc.

Podemos lembrar a linguagem dos tambores, dos nós, a linguagem registada em pedra, papiro, placas de cera, pergaminho, couro, papel, etc.

Assim, podemos ir dos meios de comunicação social dos mais elementares como por exemplo, o estabelecido pelos sons dos tambores nas florestas até aos mais poderosos e sofisticados processos de comunicação simultânea como por exemplo rádio que permitem milhões de ouvintes de Moscovo, Pequim, Havana, Conakry, Roma, Berlim, Maputo, etc., ouçam simultaneamente o mesmo programa radiofónico transmitido pelas emissoras mais potentes.

Mas há um elemento que é comum a todos os processos de comunicação, um elemento imprescindível para que se estabeleça qualquer tipo de linguagem, qualquer tipo de comunicação social, Esse elemento é o Homem. Isto é elementar, sem dúvida, mas referenciamos-lo para situarmos-nos perante toda a fenomenologia que se equaciona no processo evolutivo do Universo em que todos nós estamos situados. O Homem é a medida de todas as coisas e é através do seu inesgotável poder criador e transformador que vão sendo removidos todos os obstáculos que surgem no caminho para uma humanidade melhor, para um humanismo socialista.

Portanto, se nos permitem, tomaremos a liberdade de exemplificar modestamente o que acabamos de afirmar.

Peguemos no exemplo da linguagem dos nós.

Ensina-nos M. Iline na sua apaixonante obra «O Homem e Livro» que os tártaros, os persas, os mexicanos e os habitantes do Peru utilizavam este processo de enviar mensagens. Usavam uma corda grossa, à qual amarravam cordelinhos de cores, com cumprimentos e espessuras diferentes. Cada um destes cordelinhos, conforme estavam mais acima ou mais abaixo, mais curto ou mais comprido, com uma ou outra cor, correspondiam a uma palavra ou a uma frase ou a um número.

Ora ler uma carta escrita assim não era uma tarefa fácil. Por isso, era necessário enviar a mensagem com um mensageiro que iria interpretá-la junto da pessoa a quem era endereçada. Às vezes acontecia que a viagem era longa, acidentada, a me-

mória do intérprete era fraca, e quando ele chegava ao seu destino já não se lembrava bem do conteúdo da mensagem. Muitas vezes, como é fácil de imaginar, isso gerava grande confusão.

Mas este é um pequenino exemplo, somente para colocarmos perante o problema da linguagem elementar e de necessidade de intervenção do homem no processo de continuidade fenomenológica. Isto é, em palavras simples — o Homem constrói o seu próprio destino sem intervenção de forças que lhe são estranhas, mágicas ou religiosas.

Assim, o Homem estabeleceu uma linguagem que o permite comunicar com os seus semelhantes.

Este processo de comunicação pode ser verbal ou através da palavra escrita. Todos aqui já tiveram oportunidade de ouvir uma palestra sobre literatura de tradição oral e todos sabem também que existe a literatura escrita.

Alguns estudiosos dizem-nos que a tradição oral só pode considerar-se literatura depois de passar por todos os processos de decantação verbal a que é sujeita como sejam, por exemplo, a gravação ou registo escrito, o apuramento da verdade factual histórica, a tradução da linguagem dialectal para uma língua de ampla compreensão, etc., até se chegar à redacção final: escrita.

Sem considerarmos esta questão de saber se devemos aceitar ou não a tradição oral, enquanto tal como cabendo dentro do conceito de literatura, portanto antes de ela se nos apresentar escrita e depurada dos eventuais elementos alienatórios, concluiremos, de qualquer maneira que a Literatura tomada neste sentido assim tão amplo ultrapassa o âmbito das preocupações desta reunião.

Agora interessa-nos sim a Literatura escrita, considerada como um produto acabado, isto é, em que o conteúdo e a forma se fundem o mais harmoniosamente possível, atingindo esses textos emocionalmente mercê duma captação do real quotidiano ou do nosso mundo intervia em termos que consideramos artísticos.

De maneira nenhuma queremos minimizar a importância do papel desempenhado pela tradição oral, em todas as sociedades na sua fase ágrafa, ou seja, enquanto a escrita não se pudesse considerar como um elemento dominado socialmente.

Aliás disse-se na palestra sobre tradição oral que num país recém-independente como o nosso a tradição oral continua a ter um papel importantíssimo a desempenhar, visto que necessitamos de reconstituir a nossa História e grande parte dela está ainda por escrever, arrecadada na memória dos nossos anciãos, verdadeiras bibliotecas vivas e em riscos de se perderem. Podemos assim dizer que o primeiro livro aparecido à face da terra foi o Homem.

A sua memória, o seu poder descritivo, diferenciava-o entre os demais. Uns sabiam transmitir, numa linguagem rica, viva, aliciente, as suas experiências ou as que lhe tinham sido transmitidas também por outro companheiro.

Todos nós. Cada um de nós é uma pequena biblioteca ambulante, móvel, em permanente movimento, influenciando e sendo influenciada.

Um centro difusor de ideias. Boas ou más conforme a formação ideológica adquirida, conforme a posição assumida pelo interlocutor.

Mas nós, como já dissémos, falaremos hoje de literatura escrita e também se põe perante nós o problema de que todos podem escrever, desde que tenham aprendido essa técnica, mas, assim como na tradição oral diferenciámos os que nos sabem contar daqueles que não o sabem, na linguagem escrita.

Também há os que conseguem transmitir-nos nos seus textos mais prazer que outros. A esse prazer chamamos prazer estético e é sobre os textos que nos proporcionam este prazer estético que iremos falar hoje. Esses textos, organizados segundo vários tipos de esquemas literários, em prosa ou em poesia, constituem no seu todo a literatura. Portanto é nesse sentido, de textos que se lêem que consideramos a literatura.

LITERATURA DO PARTIDO

Um problema crucial se nos põe em relação à literatura — vamos servir o nosso Partido. Literatura de Partido.

Eis uma concepção que suscitou grandes controvérsias quando ela surgiu no panorama do permanente e salutar conflito de ideias.

Lenine no seu célebre texto: «A organização do Partido e a Literatura do Partido», publicado em 13 de Dezembro de 1921 diz-nos que a literatura deve tornar-se numa literatura do Partido. Em oposição aos hábitos burgueses, em oposição à imprensa burguesa mercantil, de empresas, em oposição ao arrivismo e ao individualismo literário burguês, à sede de lucro, o proletariado socialista deve proclamar o princípio da literatura de Partido, desenvolver este princípio e aplicá-lo da forma mais completa e íntegra que for possível.

Em que consiste este princípio da Literatura do Partido? Não consiste somente em que a literatura não pode ser, para o proletariado socialista um meio de lucro de indivíduos ou grupos nem pode ser obra individual independente da causa proletária comum.

Diz Lenine:

«Literatura deve ser uma parte da causa proletária, fazer parte de um único e grande mecanismo partidário posto em movimento por toda a vanguarda consciente de toda a classe operária.

O trabalho literário deve ser parte integrante do trabalho organizado, coordenado e unificado do Partido».

Mais adiante diz-nos que: «É evidente que não é necessário dizer que esta transformação do trabalho literário pode acontecer subitamente. Estamos longe da ideia de preconizar um sistema uniforme ou uma solução do problema mediante umas quantas disposições regulamentares. Não, o que menos tem cabimento a este respeito é o esquematismo.

Como? Dirá certamente algum intelectual, ardente partidário de certa concepção de «Liberdade» — «Pretendeis oprimir na colectividade algo tão delicado e individual como a criação literária? Pretendeis que os operários resolvam por maioria de votos, os problemas da ciência, da filosofia e da estética? Negais a liberdade absoluta da criação ideológica, absolutamente individual?

«Tranquilizem-se Senhores» — Continua Lenine.

Em primeiro lugar trata-se de Literatura do Partido e da sua subordinação ao controlo do Partido. Cada um é livres de escre-

ver e de falar no que quiser, sem o menor entrave. Mas toda a livre associação (incluindo qualquer Partido) é também livre de expulsar do seu seio aqueles dos seus membros que utilizem o nome de um Partido por difundir pontos de vista contrários a este».

Nós também somos pela Literatura comprometida com as aspirações das massas trabalhadoras, comprometida com o Partido que reflecte essas mesmas aspirações.

E estamos com Mao Tse Tung que nos diz: «O que nós exigimos é a unidade da política e da arte, de conteúdo e forma, e do conteúdo político revolucionário aliado ao maior grau possível de perfeição na forma artística. As obras de arte, por muito progressistas que sejam politicamente, são importantes no caso de carecerem de qualidade artística».

Nós damos o primeiro à política em todos os novos actos humanos.

Mas a política tem a sua expressão específica através dos meios de propaganda de que se dispõe.

Num obra de arte, embora nos preocupemos essencialmente com o conteúdo político que a caracterizará, não poderemos de maneira nenhuma desprezar o apuro técnico.

Para comunicarmos uma mensagem artística é preciso que a mesma seja elaborada em termos artísticos. Isto é elementar, claro. Mas muitos intelectuais levantam o problema da liberdade de criação artística que, perante as exigências partidárias, fica muito reduzida, alguns afirmam até que liquidada.

Nós não aceitamos esta interpretação.

Não vamos alargarmo-nos mais sobre estes assuntos de natureza teórica. Só vamos alertar por mais um ponto só. Sobre o problema da utilização da Beleza.

«Enquanto as classes reaccionárias são obrigadas, para manter o seu domínio, a deformar os jactos, a embelezá-los, as classes revolucionárias têm necessidade de conhecer a realidade a fim de poder transformá-la. Toda a Literatura revolucionária, voltada para o mundo exterior, repousa necessariamente na análise científica, enquanto que a Literatura reaccionária evade-se no idealismo ou na religião».

E para rematar esta parte do nosso trabalho vamos falar no poder de opção do artista face à inspiração.

É hábito afirmar-se que o artista é um juguete da sua própria inspiração. Que esta o subjuga. Para nós, inspiração é sobretudo transpiração.

Consideramos o acto de criação artística como acto consciente.

Podem-nos dizer que nós não podemos criar tudo o que queremos, não atingimos quase nunca a meta idealizada.

É verdade. É muito raro conseguirmos realizar uma obra que nos satisfaça completamente mas há algo que, como revolucionários podemos nos dominar a nós próprios.

Recusar fazer aquilo que não queremos, apesar da inspiração, apesar de nos ter surgido uma ideia fácil de ser vertida em termos literários mas que não corresponde aos princípios ideológicos porque sempre temos lutado.

Nós escrevemos o que queremos. Temos poder selectivo. Temos poder de opção. Devemos ser conscientes do nosso papel na Revolução. Se aceitamos servir o Povo, as massas trabalhadoras, devemos repudiar as ideias peregrinas, devemos assumir as directrizes ideológicas do Partido que dirige essas massas populares segundo os seus próprios interesses.

Esta assunção não deve ser dogmática, antes pelo contrário deve responder dialecticamente à sociedade em que se encontra inserida em permanente mutação à medida que são aplicadas novas directrizes do Partido.